

A CIÊNCIA PANKARARÉ: RESISTÊNCIA, IDENTIDADE E TERRITÓRIO

Elaine Patricia de Sousa Oliveira / Patricia Krin Si Pankararé¹
Alzení de Freitas Tomáz / Ìya Kékeré Òdòmíróòsódún²



¹ Gestora Indígena do Colégio Estadual Indígena Ângelo Pereira Xavier Aldeia Pankararé. Mestra em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras PPGAEFIN pela Universidade do Estado da Bahia UNEB (2023). Possui graduação em Licenciatura Intercultural em Educação Escolar pela Universidade do Estado da Bahia Campus VIII Paulo Afonso (2021) e graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia Campus VIII Paulo Afonso (2009). Atualmente é pesquisadora indígena do Centro de Pesquisas em Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação OPARÁ/UNEB. Pesquisadora da Ação Saberes Indígenas na Escola UNEB/MEC-SECADI no Território YbyYara. Membro da Comissão Colegiada da Pós-Graduação Lato sensu Gestão e Educação Intercultural Indígena. É Vice-presidente do Conselho Estadual dos Direitos dos Povos Indígenas da Bahia COPIBA, ligada a Secretaria de Justiça. Vice coordenadora do Movimento Unido dos Povos Indígenas da Bahia MUPOIBA. Representante legal da Organização das Mulheres Indígenas Pankararé OMIPA. Vice-presidente da Associação Comunitária Indígena Pankararé. E-mail: patriciapankarare@hotmail.com

² Ìyalorixá Òdòmíróòsódún - Terreiro de Katendé. Doutoranda e Mestra em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pela Universidade do Estado da Bahia (PPGEcoH – UNEB); Bacharela em Direito e Especialização em Teorias Sociais e Produção de Conhecimento, atua como Educadora Popular e Pesquisadora junto aos Povos Originários e Povos e Comunidades Tradicionais através do Projeto da Nova Cartografia Social do Brasil. É membra da Sociedade Brasileira de Ecologia Humana - SABEH e Chefe da Editora SABEH. E-mail: alzenitomaz@gmail.com

INTRODUÇÃO

O mistério da criação é um componente histórico que a humanidade busca desde a origem do mundo em que habita. O texto que segue se pauta na reflexão sobre a Ciência Indígena, que, para os povos originários, possui significados associados ao modo de viver, pelos quais cada grupo afirma sua origem, formas, conceitos e relações diferenciadas e vivenciadas. No caso do povo Pankararé, essa abordagem específica perpassa por elementos poéticos das cantigas entoadas, das tradições e das lutas empreendidas, dando sentido às compreensões cosmológicas e suas relações com os sistemas ecológicos da natureza. Mas, sobretudo, perpassa pela ideia de uma ciência indígena como lugar de resistência étnica e territorial.

A ciência na academia permite insurgir com questões sobre a funcionalidade do sistema do universo, ao passo que a ciência na cosmologia indígena parece vivenciar esses modelos por dentro. Descolonizando pensamentos e conceitos, a “Ciência Indígena” estabelece parâmetros que vêm sendo estudados a partir das provas concretas dos antepassados, que faziam diversas observações dos céus, universos e natureza, materializadas, por

exemplo, nas pinturas rupestres inscritas em rochas, retratando eventos cósmicos, encontradas hoje em diversas partes dos continentes (AFONSO, 2004).

Os parâmetros apontados pelo povo Pankararé quanto à ciência indicam uma relação com a natureza que estrutura formas organizativas de convivência e, ao mesmo tempo, instituem parâmetros de saúde que são orientados por uma crença onde “a natureza fala, orienta e esclarece” (TOMÁZ, 2019). O sistema de crença Pankararé vai se materializando na medida em que buscam ao longo da história formas de resistência étnica, para o reconhecimento de sua indianidade, e do reconhecimento e regularização de seu território por parte do Estado.

Um parâmetro de resistência foi a criação de um território considerado por eles sagrado, denominado Amaro, situado nas imediações do Raso da Catarina. O Amaro é um grande terreiro onde o povo Pankararé pratica a chamada “Ciência do Amaro”. Nessa ciência, a ancestralidade é vivida através da convivência, da relação com os sistemas do bioma caatinga e da ritualidade, na qual se estruturam os fenômenos da religiosidade através do toré, da mesa da ciência e dos Praiás.

O recorte deste trabalho, entender esse fenômeno da ciência como território

cosmológico da resistência, nos permite compreender saberes que se materializam em orientações humanas e não humanas, que instituem regras e sinalizam comportamentos importantes para a manutenção do modo de vida Pankararé e da resistência em torno da afirmação do território étnico, duramente conquistado através de lutas e resistências. O território Pankararé, com um pouco mais de 48 mil hectares de terras homologadas, ainda busca a desintrusão (retirada de não indígenas), para tornar usufruto exclusivo dos indígenas.

1. O AMARO E A CIÊNCIA DO POVO PANKARARÉ

Existe uma relação intrínseca do território com o som (SOUZA, 2018). É no território que se abriga uma rede cultural acústica cheia de significados e identidades. Esse composto orienta a existência no lugar que se habita. Os espaços e contextos individualizados, terminam por levar a sentimentos e pertencimentos coletivizados. As tradições vivenciadas nesse território sagrado possuem uma diferente grandeza que sustenta procedimentos de resistência em torno da afirmação identitária e territorial.

A tradição do povo Pankararé constitui a mais rica conexão cosmológica

com o meio em que vivem, e, na complexa realidade das relações sociais, a história Pankararé é marcada pelas adversidades de conflitos, lutas físicas e culturais. A ciência na tradição do Amaro nasce como um lugar da cura do corpo e da alma; o que sustenta a identidade e o que determina a missão a seguir é um ato de resistência física e cultural (Tomáz, 2019).

Não foi o Amaro o primeiro lugar da tradição Pankararé. Como um povo ribeirinho, marcado por processos de colonização, os chamados “índios dos currais de bois” (SOARES, 1977), tiveram que adentrar nas caatingas conhecidas como Baixa do Tonã, hoje Raso da Catarina, na localidade Brejo do Burgo, onde vive a maioria das famílias Pankararé (TOMÁZ, 2019), no qual se estabeleceram.

Como o conhecimento e sabedoria ancestral, relatos dos anciãos deste Povo, atestam a árdua busca por sobrevivência, caça, água e coleta vegetal, marcados por inúmeras perseguições colonialistas. Desde a descoberta da Fonte Grande – lugar da força ancestral e das condições de sobrevivência em face à disponibilidade hídrica (Figura 1). Estas potencialidades ecológicas foram determinantes para assentar não apenas indígenas, e atraíram inúmeros posseiros, cuja disputa de território permanecem até hoje (SOARES,

1977; SILVA, 2010; MAIA, 2011; TOMÁZ, 2019; PNCSA, 2019).

Figura 1: Fonte Grande, primeira fonte de sustentação Pankararé



Fonte: Tomáz, 2018

E foi por causa desses conflitos na busca pela demarcação do território étnico que ocorreram situações drásticas acometidas contra o Povo, fazendo com que suas lideranças, como o Cacique Afonso, pudessem escolher na região do Raso da Catarina um lugar denominado Amaro, que reunia todas as condições para edificar o terreiro na ciência indígena (TOMÁZ, 2019).

Não se podia praticar os rituais às vistas de posseiros, não era seguro. Em meados dos anos 1980, os confrontos tornaram-se mais intensos, dada a necessidade de demarcação do território. Registrou-se inúmeras violências com a destruição de lugares sagrados como o entupimento da nascente da Fonte Grande,

queima dos terreiros e Poró (casa sagrada – Figura 2), símbolos sagrados foram destruídos como tratativa para negar a condição dessa indianidade (PNCSA, 2019).

Figura 2: Poró do Jatobá e Igreja do Amaro



Fonte: Tomáz, 2018

O argumento político no discurso formal do Estado e dos posseiros/políticos da região era de que esses Povos estavam “assimilados”, portanto, não eram mais índios (SOARES, 1977). Uma afronta étnica para os indígenas, que não deixaram se intimidar e buscaram, tanto antes como hoje, a capacidade de lutar. Mesmo conseguindo a demarcação do território, até hoje, ainda lutam juridicamente para que os posseiros sejam desintrusados do território demarcado.

A Fonte Grande, usurpada devido os interesses dos não indígenas, deixava de ser um lugar de ritual. Era necessário buscar um lugar favorável que sustentasse as tradições e a ancestralidade Pankararé.

As narrativas apontadas na Nova Cartografia Social Pankararé (2019) elucidam o percurso de lutas travadas ao longo de pelo menos 400 anos (SOARES, 1977; RÊGO, 2012). Por que este lugar se constitui favorável para parte do povo Pankararé praticarem seus costumes e suas tradições?

Há um pouco mais de 20 anos, o Amaro passou a ser o lugar considerado mais sagrado do povo Pankararé, é onde praticam os rituais dos festejos do Amaro. Para a escolha deste lugar, alguns critérios foram estabelecidos: tinha que ser quase inabitado, longe de perturbações dos não-indígenas, encravado na área da reserva, nas matas, onde a paisagem inclui vegetação catingueira e os cânions do raso. O Jatobá foi a árvore de referência para situar o terreiro, pois ela atravessa as secas e as invernadas com seu verdume (GEAP, 2008).

Os festejos do Amaro tiveram forte relevância no processo demarcatório, na autodefinição da identidade étnica e na preservação das tradições sagradas. A festa do Amaro reúne o Povo em torno da religiosidade, onde os componentes culturais estão encravados em cada ritualidade, desde o resguardo dos homens e mulheres que não se relacionam entre si no período da ritualidade, mantendo-se o

distanciamento, até a limpeza do terreiro, seguindo para as rezas, a procissão, a dança dos Praiá e o Toré.

O Toré, que é a 'brincadeira', modo de dizer para explicar esta forma de ritualidade, possui uma pisada alinhada com o som do maracá, que reproduz o ritmo para entoar os cantos, alguns improvisados e doados pela natureza. Os Praiás, cobertos com roupas de croá, pisam um Toré diferente, ritualizado com o toante cantado pela maioria das mulheres, conduzidas pela mãe do Terreiro, Edésia, a criadora que cuida e dá o ritmo dos toantes à ritualidade. Esse conjunto de performances, criado e recriado com a força do vinho da jurema, expressa a grandeza que o lugar sagrado possui para os Pankararé.

Essas performances envolvem linguagens, sons, cantos, pisadas, danças, que apontam elementos biológicos e humanos, ecológicos, ciclos individuais, saúde, patologias e incorporam processos ecológicos, econômicos e sociais, repetitivos, mutáveis e imutáveis (TURNER, 2005). Esses elementos tornam a ciência do Amaro única, com processos dinâmicos que não repetem apenas cerimônias do passado, mas remontam narrativas míticas de processos presentes e futuros.

2. A FORÇA DAS MULHERES NA CIÊNCIA DO AMARO

A Jurema é o segredo das coisas da terra, e na ciência do Amaro ela tem seu espaço sagrado.

Um destaque deste trabalho é a questão feminina e o papel da mulher na Ciência do Amaro, que indica um empoderamento sem o qual a ritualidade não teria sua completude. Costa (2017) afirma que a relevância do papel da mulher na ritualidade é evidente desde a gestualidade e a entoação de cânticos até a condução de trabalhos, sem os quais os processos educativos não aconteceriam.

Para Costa (2017), trata-se de um indicativo da permeabilidade a modelos diversos de divisão sexual, rigorosamente estabelecidos na tradição indígena. Historicamente, as mulheres indígenas tiveram um papel fundamental como líderes religiosas e políticas; no entanto, o patriarcado se encarregou de colocar a mulher em uma condição de submissão e desigualdade.

Marcada por processos seculares de negação, a questão das mulheres indígenas é multifacetada, com cargas múltiplas de racismo, opressão e discriminação. O feminino foi colocado em uma circunstância de negação, inclusive na condução da ritualidade, onde somente os

homens teriam posição de destaque nos ritos (TOMÁZ; COSTA, 2020). Ocorre que a secularização protagonizada por mulheres, sobretudo na luta política do movimento indígena, resultou conquistas em espaços relevantes.

Embora essa situação prevaleça em termos gerais, a dominação e a subordinação variam conforme a cultura de cada povo, desafios pelos quais as mulheres tendem a enfrentar, principalmente em termos de divisão social do trabalho, circunscritos ao ambiente familiar e interno das aldeias. O papel dos movimentos de mulheres indígenas acentua as posições protagonizadas por elas na luta por território e reconhecimento (COSTA, 2017).

Embora a invisibilidade do papel da mulher na luta indígena seja uma marca, os processos de resistência são perenes. A afirmação das lutas e das forças demonstra um nível importante de aguerrimento na defesa dos povos, no reconhecimento e nas demarcações territoriais. Isso é marcado pela conquista de espaços, seja na direção de movimentos sociais, nas lideranças dos grupos ou no fortalecimento das lutas por políticas públicas, além do papel relevante na educação e na saúde, que implica diretamente no contato com todos os gêneros nos aldeamentos.

Um papel importante se destaca no caso Pankararé na ciência do Amaro. Embora tenha predominância do masculino que veste o Praiá, é o terreiro conduzido pela “Mãe Velha”, a mãe do terreiro, Edézia. Ela é determinante na condução da ritualidade e protagoniza a entoação dos cânticos e orienta, através dos saberes ancestrais, o Povo. Seus conhecimentos específicos direcionam a unidade do grupo e os princípios da reciprocidade que a tradição lhes garante.

A atuação da mãe de terreiro Edésia no ritual Pankararé marca a resistência da mulher junto às tradições, cuja predominância são os homens. Mas é ela detentora da marcação do maracá, das rezas e dos toantes para os Forgedos³ desempenharem sua função. A Mãe de Terreiro Edésia é símbolo de resistência e força encantada. Dona de voz marcante, é ela quem canta e organiza o ritual, sendo a única dona dos terreiros do território Pankararé.

Era tradição Pankararé a dança de mulheres com os Praiás, mas não se sabe muito bem quando esta função deixou de existir no terreiro. Às mulheres era resguardado apenas o direito de assistir, cantar e balançar o maracá. Proibidas de

entrarem no Poró dos homens e crianças, também proibidas de entrarem no terreiro do Jatobá, direito que qualquer homem da ciência ou não pode ter. As mulheres podem participar do Toré que é menos restritivo, e todos podem participar/brincar.

Aos poucos, as mulheres resgatam memórias do direito que elas tinham na ciência: o de dançar com os Praiás, era tradição, que foi perdida por alguma circunstância. Na mesa da ciência foi dada a permissão de recuperar essa prática, desde que as mulheres pudessem estar preparadas. Preparadas, nesta perspectiva cosmológica, têm a ver com elementos com uma preparação espiritual, como: banhos de ervas, tempo de preservação sem sexo, não estarem menstruadas, entre outros elementos de natureza física. Então, em 2017, as mulheres se emparelham com os Praiás e dançam. Porém, somente em 2018 a casa da ciência das mulheres pôde ter edificação própria. Um marco na história do terreiro do Amaro.

Reuniram-se as mulheres e decidiram erguer uma pequena casa de taipa, onde as mulheres poderiam compartilhar a ciência (Figura 3). A construção envolveu a todos, homens e

³ Homens vestidos de croá, denominados de Praiá.

mulheres – essa é a maior inserção das mulheres de um modo geral na ciência do Croá. É o lugar reservado somente às mulheres em que os adornos e os elementos que constituem a prática da ciência são permitidos e apenas a Mãe do Terreiro é a que orienta toda espiritualidade e as regras a serem seguidas.

Figura 3: O Poró das Mulheres



Fonte: Tomáz, 2019

Essa participação essencial das mulheres nas práticas ritualísticas do povo possui, historicamente, vivências determinantes na construção coletiva da identidade do povo Pankararé, nas dimensões cultural, política, social e ecológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ciência do Amaro é a força da espiritualidade Pankararé. É o que sustenta a identidade marcada por fortes conflitos de negação social, política e territorial. Definir os cânions do Amaro como um lugar sagrado, foi condicionamento das forças ancestrais para os Pankararé. Um lugar para se tornar sagrado já tem a força encantada e reúne todas as condições para habitar uma tradição.

A garantia e a autonomia na definição do território sagrado se caracterizam pela unidade de um grupo em torno das decisões políticas para o enfrentamento às dificuldades que encontraram durante os processos demarcatórios e, ainda hoje, a resistência em torno da desintrusão de não indígenas do TI (Território Indígena) demarcado. Para ser índio Pankararé dois compromissos são evidenciados, não se pode negar a indianidade em favor dos não indígenas e deve-se ter respeito e compromisso com a Ciência indígena.

Isto porque, na ciência existem todas as orientações e ensinamentos ancestrais que regulamentam o comportamento humano do grupo. Ela educa e constrói cultura, com resgates do passado e ressignificações do presente. A

Ciência do Amaro possui um elemento funcional: os toantes, cantados e declamados, que são importantes como presentes da natureza para sustentar a nação indígena.

O que se apresenta através da comunicação sonora no Amaro é a força que presenteia a pessoa com um canto, cujo significado simplifica a expressão do modo de viver e ser, das relações humanas e da performance a ser seguida. A comunicação sonora é, substancialmente, a forma mais concreta da conexão ecológica entre os indígenas e as forças da natureza.

Estas conexões, que formam o sistema sonoro de comunicação Pankararé, são caracterizadas nos toantes, que assumem papel de sustentação física e espiritual – ligam as pessoas às coisas animadas e inanimadas. Ao mesmo tempo que instauram mecanismos de educação e cultura, isto porque a transmissão dos conhecimentos acontece na oralidade e na capacidade de concentração entre as pessoas e a natureza, entre os ensinamentos e apreensão desses conhecimentos.

Todas essas potencialidades da vida Pankararé efetuam o reconhecimento dos mestres e mestras, dos encantados e

encantadas, caboclos e caboclas, brabios, forças ancestrais que atuam na natureza para ensinar, proteger, defender. A sacralização do território do Amaro, se estabelece como um patrimônio ecológico e espiritual, cuja preservação e respeito são condições inerentes de cuidados. As plantas, os animais, os ventos, o verde, a seca, as estrelas, a lua, a água, a terra possuem vida, esses ecossistemas por inteiro sustentam e dão força para manter a condição do Povo na identidade e no modo de vida.

O papel das lideranças na luta pela manutenção deste território sagrado, exige compromisso político e social, a sujeição diante do sagrado lhes garante a força e a resistência. Mas, a relação das forças encantadas com as pessoas propicia a confiança na sustentação do modo de vida e manutenção existencial.

Por fim, o papel fundante da força da Ciência do Amaro, estabelece a completude da sacralidade da vida. Onde tudo e todos dispõem de igual compromisso, com papéis distintos e conquistas árduas, nesse aspecto as mulheres são determinantes na sustentação essencial do território Pankararé.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, G. B. **As constelações indígenas brasileiras**. Observatórios Virtuais, USP, 2004.

COSTA, Gisele das Chagas. **Construção de territorialidades indígenas e suas inter-relações com o empoderamento feminino no Médio e Submédio São Francisco - Ba**. Tese de Doutorado. Salvador: Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano, Universidade Salvador. Salvador: UNIFACS, 2017. 139 f.

GEAP – **Projeto de Gestão Etnoambiental Pankararé**. Tradição Pankararé: a festa do Amaro. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008.

PNCSA. Povo Pankararé de Glória - Bahia / **Povos indígenas do Rio São Francisco – N. 01** (jan. 2019) / Coordenação da pesquisa: Alzení de Freitas Tomáz; Juracy Marques.–. – Manaus: UEA Edições / PNCSA, 2019.

RÊGO, L. S. **O lugar encantado do Croá no saber/fazer indígena Pankararé, Raso da Catarina**, Bahia. Salvador, 2012.

SILVA, L. M. **A territorialidade e os processos de identificação territorial na sociedade indígena Pankararé-Ba**. Salvador, 2010.

SOARES, C. A. C. **Pankararé de Brejo do Burgo: um grupo indígena aculturado**. Rio de Janeiro: FUNAI, 1977.

SOUZA, André Luis Oliveira Pereira de. **Ecologia Sonora Tuxá: Uma Cartografia das Paisagens Sonoras dos Tuxá de Rodelas/BA**. 2018. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos) – Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 2018.

TURNER Victor. **Floresta dos símbolos: aspectos do ritual Ndembu**. Niterói: EdUFF. (2005 [1967])

TOMÁZ, Alzení de Freitas. **Território Sagrado na “Ciência Indígena: Um Rizoma à Ecologia Humana**. Dissertação (Mestrado acadêmico). Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental - PPGECOH. Campus III. Juazeiro, 2019.

TOMÁZ, Alzení de Freitas; COSTA, Gisele das Chagas. Gênero em Truká-Tupan: o cacicado de uma mulher. In: TOMÁZ, A. F.; MORIMITSU, Paulo Wataru (Org.); MARQUES, J. (Org.). **Povo Truká-Tupan: a natureza sagrada tem aviso e tem encanto**. 1. ed. Paulo Afonso: Sociedade Brasileira de Ecologia Humana - SABEH, 2020. v. 01. 221p

TURNER, Victor. **Floresta de símbolos, aspectos do ritual Ndembu**. Tradução de Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. Niterói, 2005.